

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

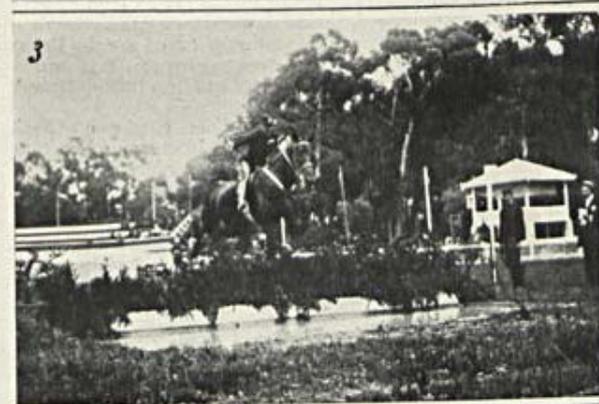
1 DE JUNHO DE 1909

N.º 249



Concurso hippico em Lisboa

Em 1909



- 1.** Tribuna Real — El-Rei, o Infante de Hespanha e o Senhor D. Afonso
2. Os officiaes hespanhoes em frente da tribuna real — **3.** O tenente Silveira Ramos, que obteve a segunda classificação na corrida do Grande Premio de Lisboa — **4.** D. Gustavo Spencer, vencedor do Grande Premio de Lisboa
5. O vencedor ao lado do ministro de Hespanha Conde de S. Luiz

(1, 3 e 4 clichés de J. Benoliel — 2 e 5 clichés de A. C. Lima.)

Concurso hippico

Com um brilho e encanto, muito difíceis de descrever, realizou o *Turf-Club* o seu concurso hippico, na semana que findou em 23 do mez passado.

Não temos memoria de festas revestidas de tanta beleza e animação, em que a anciedade e o entusiasmo da formidável assistencia provocaram as mais frementes e vivas commoções. — Que lindos e soberbos espectaculos!

Nas tribunas, tudo o que ha de mais distincto e elegante na nossa



Concurso hippico

O official hespanhol D. Celedonio Febrel, que obteve a terceira classificação na corrida do Grande Premio de Lisboa

(Cliché de J. Benoitel).



Concurso hippico

O cavalleiro hespanhol Conde de Torre Palma

(Cliché de J. Benoitel).

melhor sociedade; na pista, uma pleiade de cavalleiros que, pelo seu arrojado, pelo seu saber e pela sua elegancia, conseguiram manter em perfeito estado de admiração e interesse todos os espectadores que tiveram a ventura e a honra de assistir aos seus primorosos trabalhos.

Não podemos nem devemos deixar de render os mais ardentes elogios aos illustres membros do *Turf-Club*, que, com a sua rasgada iniciativa, apresentaram, em Portugal, as mais brilhantes e as mais uteis festas dos tempos modernos.

Cumprimentando-os com o maior respeito, fazemos votos para que os arrojados iniciadores não desfalleçam do seu proposito tão altruista, certos como estão, de que os concursos hippicos, como o que tivemos o prazer de presenciar, constituem, além de um imponente

beram manter bem altas as honrosas tradições de uma raça que ainda não morreu.

Se entre os percursos realizados, alguns havia de facil execução, outros, porém, constituíam provas muito sérias cuja resolução determinava, fatalmente, o desenvolvimento de qualidades de um alto valor. E essas qualidades, apresentaram-as os nossos briosos officiaes, afirmando, não só uma grande coragem, mas tambem um vasto conhecimento do genero de *sport* que tão brilhantemente praticaram.

Os applausos ruidosos e entusiasticos com que a assistencia aclamou as diferentes e difíceis provas do concurso, devem ter-se repercutido no animo dos concorrentes, como um justo galardão ao seu provadissimo mérito, e bem assim como a mais eloquente ho-



Concurso hippico. — CORRIDA DE AMAZONAS

A sr.ª D. Maria Luiza Alves, discipula do Conde de Fontalva

(Cliché de A. C. Lima).

(2.º premio)



Concurso hippico. — CORRIDA DE AMAZONAS

A sr.ª D. Maria Amelia de Castro, discipula de João Gagliardi

(Cliché de A. C. Lima).

(3.º premio)

espectaculo, um precioso auxilio á industria cavallar e á agricultura nacional, cujo decahimento se vem accentuando, ha alguns annos para cá.

Foram os premios do concurso disputados por hespanhoes e portuguezes; na sua grande maioria militares.

Os illustres officiaes hespanhoes e o nobre conde de Torre de Palma, houveram-se com o maior garbo e brio, dando ao concurso um realce extraordinario, e demonstrando um profundo conhecimento d'este genero de *sport*.

menagem aos illustres promotores do esplendido concurso que, á custa de grandes sacrificios, conseguiram realizar.

Se o desanimo e a descrença não obliteram, por completo, a vontade dos nossos creadores e recreadores de cavallos, devem elles ter as mais bem fundadas esperanças em que, com a repetição annual do concurso hippico, nas magnificas condições em que o ultimo foi realiado, a sua industria poderá encontrar meio de se erguer do abatido estado em que, ha muito, se encontra.

Sabemos bem que a industria cavallar não poderá levantar-se

sem grandes sacrificios, tanto da parte dos creadores como da parte dos governos. Mas não valeria a pena, com as propriedades do nosso clima, com as facultades dos nossos campos, aquellas entidades impõem-se o encargo de sacrificios, grandes, na verdade, mas compensaveis em um futuro mais ou menos remoto?

Creemos bem que valeria, se um criterio sã e reflectido presidisse ao estudo da solução do problema, que, embora complicado e difficil, tem sido, cabalmente, resolvido em paizes que, muito mais mo-

merecem a Inglaterra, á França e á Italia a maior dedicação, o mais extremo cuidado.

E, em Portugal, depois de certo tempo, que se tem feito?

Deixou-se desfallecer a melhor raça da Península, e uma das melhores do mundo — a raça Alter. Não deveremos, pois, aproveitar a bella iniciativa do *Turf* de cultivar, com o mais entranhado amor e dedicação, tudo o que é util, que é muito, para a implantação de uma raça de cavallos que possam prover ás necessidades do exercito e da agricultura?



Concurso hippico. — APRESENTAÇÃO DE EQUIPAGENS
Carro de S. M. El-Rei, puxado por um tiro de raça Alter
(Menção honrosa fora do concurso)



Concurso hippico. — APRESENTAÇÃO DE EQUIPAGENS
«Mylord» do sr. Carvalho Monteiro (1.º premio)

dermos que Portugal, se dedicaram á confecção de um certo e determinado typo de cavallo de sella.

E' certo que os resultados praticos de um só concurso hippico não podem determinar, de um modo definitivo, qual será o typo de cavallo que mais convenha ás necessidades do nosso paiz. Serão precisos outros concursos para se fazer um juizo seguro acerca das condições que terão de servir de base para os alicerces de um typo de cavallo adaptavel aos serviços de Portugal.

E' n'isto que reside, principalmente, a feição utilitaria dos concursos hippicos, quando organisados como aquelle que o *Turf-Club* acaba de promover.

Outras vantagens, porém, oferecem ainda os espectaculos d'esta natureza, desenvolvendo e accionando o exercicio de uma das artes mais nobres e antigas, a equitação, cuja pratica tem merecido sempre aos povos mais civilizados, um grande interesse e um extremo cuidado. E, apesar dos maravilhosos progressos do automobilismo, do cyclismo e do aerostato, os estados dos paizes mais civilizados do mundo não tem podido dispensar, na constituição dos seus exer-

ciós como são, possuam, sem graves sacrificios, montadas com que possam frequentar os concursos no estrangeiro, levantando o nome e gloria de Portugal? Estamos certos de que este importantissimo assumpto chamará a attenção de quem governa, para evitar que morra á nascença um dos ramos de *sport* mais util, mais agradável e mais civilizador.

Aos ex.^{mas} srs. conde de Font'Alva e coronel Alfredo de Albuquerque, um especial «bravo» pela sua superior interferencia no famoso e esplendido concurso.

Lisboa, 31 de maio de 1909.

JOÃO GRAVES.



Concurso hippico. — APRESENTAÇÃO DE EQUIPAGENS
O carro a tandem do sr. Eduardo Fontes (1.º premio)



Concurso hippico. — APRESENTAÇÃO DE EQUIPAGENS
«Charrettes» do sr. Xavier de Almeida (1.º premio)
(Clichés de J. Benoit).

A causa da vida

(De José de Roure)

eitos, os elementos montados que, tão profundamente, lhes oneram os orçamentos.

Desde a mais remota antiguidade, a ideia da guerra andou sempre ligada á ideia do cavallo. O nobre animal tem sido, através de todas as épocas, o companheiro fiel do homem, participando, hoje da sua gloria, amanhã, do seu infortunio. Os maiores escriptores e poetas, como Homero, Bossuet, Chateaubriand, La Fontaine, Victor Hugo, etc., dedicam ao cavallo os mais harmoniosos sons das suas immortaes lyras; e presentemente, ainda, a criação e educação do cavallo

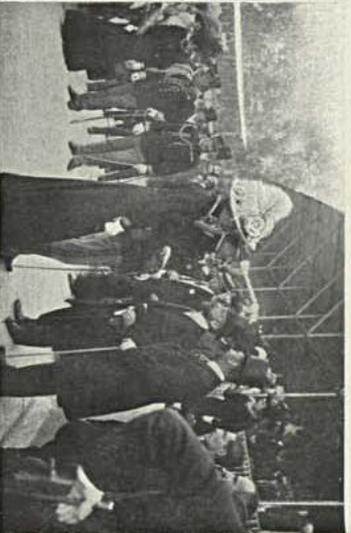
Em soledade nunca interrompida,
Vão-se abysmando os sabios
Para estudar a causa d'esta vida.
A causa d'esta vida! Pobre gente!
Ao reunir meus labios aos teus labios,
Aprendemol-a nós continuamente.

Grande concurso hippico em Lisboa, em 1909

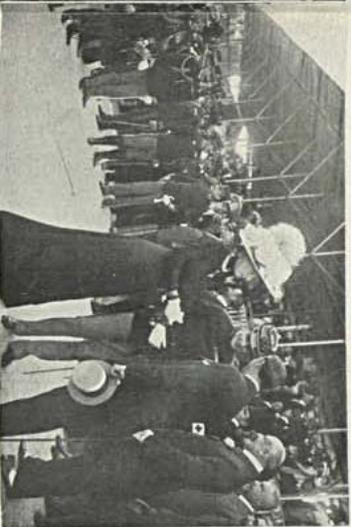
A ASSISTENCIA



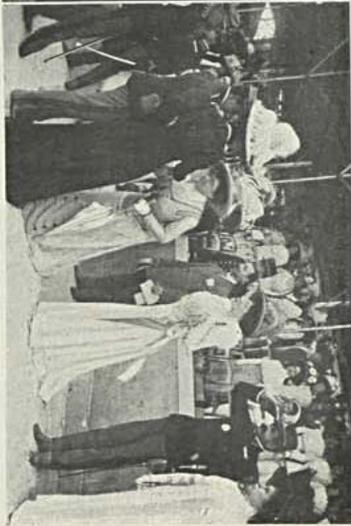
O Infante D. Carlos de Hespanha e o Senhor Infante D. Alfonso
(criado de J. Benabito).



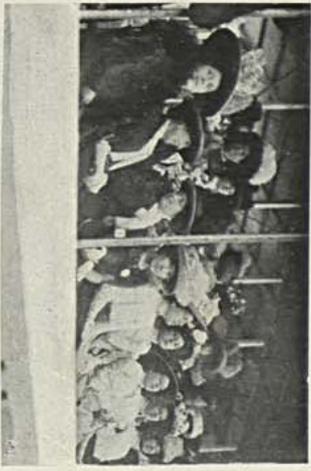
El-Rei e a princesa Luiza falando com o sr. ministro de Hespanha
(criado de J. Benabito).



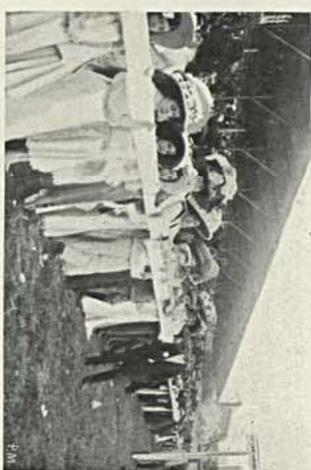
El-Rei e a princesa Luiza falando com os srs. visconde de Alterra
(criado de J. Benabito),
e conde de Figueiro



El-Rei e a princesa Luiza falando com a sr. condessa de Figueiro,
D. Annãdo o sr. infante D. Alfonso e do outro os condesses de San Luiz
e de Santar, e os srs. conde de Castro e Manuel de Espregueira
(criado de J. Benabito).



Na tribuna do Turf — As sr.ªs condessa de Taboara, marquesa de
Goull, D. Natalia de Moraes y Puyg, D. Christina de Goull, D. The-
rese Falcão e Taboara, D. Maria Isabel, D. Carmo e D. Theresa
de Castro Pereira e D. Maria de Goull, do fundo e nos camarotes
destacamos as sr.ªs D. Maria Anna de Andrade de Castro Gama-
ras, D. Eugenia Barbosa e marquesa de Bullas.
(criado de A. C. Lima).



Presentando os pontos as sr.ªs condessas de S. Laurino
e de Alago, e D. Maria Isabel de Castro Pereira, as filhas
da sr.ª D. Theresa Gathens, o sr. conde de Alago, etc.
(criado de J. Benabito).



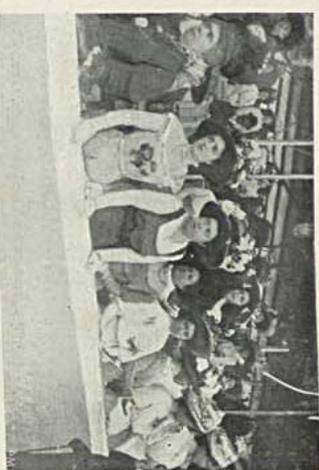
Na tribuna do Turf — As sr.ªs D. Maria Emilia de Castelbranco,
D. Maria Figueira Freire da Camara, D. Carolina de Mendonca
Cyrus, D. Bertha Bastos de Monteiro, D. Emilia de Castelbranco
Quinhã, D. Maria Ignacia de Castelbranco e D. Maria do Carmo
Riquelme de Albuquerque. No centro, sentada, a moçada D. Mamma
da Cunha e Moraes, uma das concorrentes das provas para se-
nhoras.
(criado de A. C. Lima).



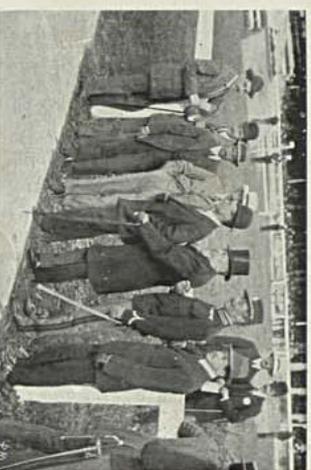
Na tribuna do Turf — As sr.ªs D. Lygia Street (Carnide), D. Maria de
Sã Pous do Amaral (Alferranede), D. Maria de Lencastre e Tereza
de Alferranede e de Alago.
(criado de A. C. Lima).



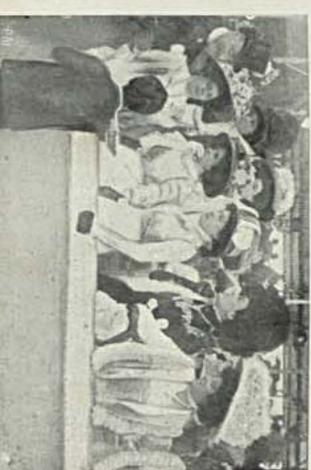
Aspecto da pelouse ruidosa no primeiro plano
as gentis filhas dos srs. Filipe de Almeida, conde das Galéias
e Eduardo Perestrelo
(criado de A. C. Lima).



Na tribuna do Turf — As sr.ªs D. Puhaya Feijo, D. Vera e D. Olga
Ferreira Brito, D. Helena Garcia F. Paulo Basto, D. Maria Jose
de Barros Lima, D. Maria de Massarinhos, D. Maria de Lourdes
da Cunha e Moraes e D. Ida da Fonseca Marçalhos.
(criado de A. C. Lima).



No primeiro plano vemosse alguns das officinas hespanhas que vieram
fazer parte da delegação de Olivença e outras, suas ordens,
D. Raphael Alvarez e o addido a delegação de Hespanha sr. D. Al-
berto de Aquino, do fundo os srs. conde de Sissal e D. Jose de
Mendonça (Asanuelly).
(criado de J. Benabito).



Um aspecto da tribuna do Turf — O sr. conselheiro Carlos Santos
e sua filha, acompanhados Camargo Emilia e Maria Emilia Tallas
das Serras (Asanuelly) e a sr.ª D. Carolina de Albuquerque e filha
(criado de A. C. Lima).

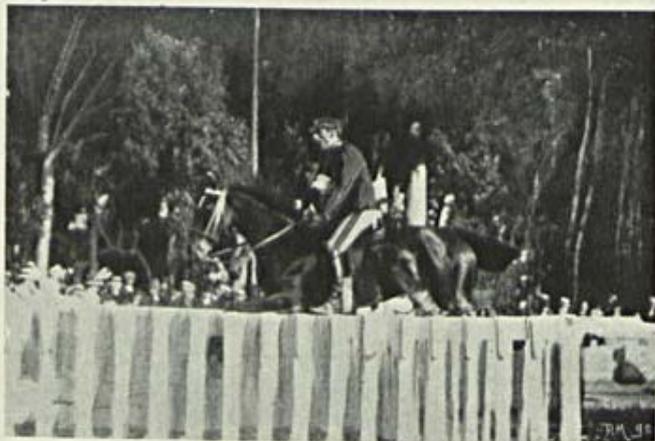
A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

A Primavera.— Que a saúde quem estiver para ahí voltado.— Efeitos benéficos da «Patifa» na vida portuguesa.— A Primavera e a Política.— Efeitos salutarés da estação das flôres na constituição de um governo e no animo dos políticos: a expectativa benevola.— O ministerio malmequer.— A festa da flor. O que ella foi e o que devia ser. Uma iniciativa digna de applausos e de todos os auxílios.— O concurso hippico.— Coisas estupendas.— Falla o espectro de uma burra.

A Primavera...

Mas eu posso lá cair no langará de cantar lóas á primavera na minha prosa agreste e rude, n'uma idade em que apenas se dança



Concurso hippico. — O sr. José Alverca n'um salto

(Cliché de J. Benollel).

por, como a cigarra da fabula, se ter cantado demasiado em melhores tempos?

Essa tarefa incumbe, naturalmente, aos poetas lyricos ou aos produtores principiantes. Ha muito que ella lhes pertence, não por direito de senhorio ou de conquista, mas pelo consenso unanime, ou melhor dizendo, pela condescendencia universal, que dispensou a Primavera para thema de todas as produções litterarias incipientes. De facto nenhum portuguez que se prese, deixa de iniciar a sua carreira litteraria com uma saudação a «estação das flôres, linda estação de amores», borrando com a sua melhor prosa ou desmanchando com os seus mais truncados versos, «a verdura dos prados, a belleza



Concurso hippico

O sr. J. Piçarra no cavallo do sr. Jayme Alto Mearim

(Cliché de J. Benollel).

das margaritas, o azul do firmamento, a agua-cantante das fontes». Esses tentames litterarios e o sarampo são preparatorios indispensaveis para o grande curso da vida pratica em que todos andamos engalfinhados, n'uma encantadora camaradagem...

Não a saudarei, pois, á Primavera, tanto mais que por duas vezes lhe dirigi n'este mesmo logar os meus cumprimentos de boas-

vindas nos annos mais chegados. Limitar-me-hei a registar a sua acção benéfica na vida portugueza, d'esta vez favorecida tão largamente pela patifa, que ninguem deixou de sentir o seu doce influxo. Até á politica, louvado seja Deus!

Ora vejam os senhores: até agora não havia meio de conseguir que um ministerio aquecesse os seus sete logares. Aos ministros que se escarrapachavam nas cadeiras do poder, succedia-lhes como aos espectadores de theatro quanto falta a luz: levantavam-se, iam á thesouraria receber um mez, ou mez e meio de ordenado (como os espectadores vão á bilheteira receber o preço da entrada) e toca para casa a tomar o chá e a torrada da familia. Já descorçoavamos todos. Nunca mais teriamos um governo á antiga, d'estes de lavar e



Concurso hippico — A entrada para a prova do 2.º dia.

A cavallo — D. Antonio Lavradio, J. Piçarra, tenente Margaride e conde de S. Lourenço. A pé — Eduardo Romero, juiz de partida

(Cliché de J. Benollel).

durar... tres annos. N'isto chega a Primavera e ao mesmo tempo o sr. Wenceslau de Lima é encarregado de organizar governo. Aceitou com ambas as mãos o encargo. Pudera! Se tudo o incitava: o lindo sol, as amendoeiras em flor, o assobio dos melros pretos...

Em nossos corações renascia ao mesmo tempo a esperança, mercê da influencia da Patifa.

— O Wenceslau é muito capaz...

Era — e foi. Organizou o seu ministerio. Todos exultámos!

— Já ha governo!

— Ora graças!

— E extra-partidario!

— Isso é o que se quer!

Uma duvida horrivel nos assaltava ainda. Poderia esse governo viver? Os senhores politicos, assanhados como gatos que disputam



Concurso hippico. — O «PERCURSO DE CAÇA»

(Cliché de A. C. Lima). Passagem de ponte

um appetecido carapau, não o arranhariam todo, pondo-o em fuga a fazer renhauhau?

Qual! A Primavera tomara-os tambem á sua conta. O sr. Wenceslau de Lima poderia contar com elles. E tanto assim que quando os procurou, a um e um, julgando ir defrontar-se com o tigre progressista, a panthera regeneradora, o chagal dissidente, o jaguar franquista, o lobo nacionalista, — encontrou-se com a pomba José Luciano, a gasella Vilhena, o rouxinol Alpoim, a calhandra Vasconcellos Porto, a rôla Jacintho Candido. O unico bicho perfido que se ex.º encontrou durante as suas diligencias politicas foi o gato mal-

CONCURSO HIPICO. — O banquete no "Turf Club" oferecido aos officiaes hespanhoes e aos vencedores portuguezes



Ao centro, á frente: *conselheiros Carlos du Bocage e Elvas Carneira, ministros dos estrangeiros e da guerra.*
 Por detraz: *Manuel de Castro Guimarães, conde de San Luiz, ministro de Hespanha e um dos officiaes hespanhoes.* — Frente, esquerda: *João Bregaro, Jayme Alto Mearim, Nuno Pombal, visconde dos Oliveas, Luiz O'Neill e conde de Villalva.*
 Frente, direita: *Filippe de Vilhena, marquez de Lavradio, Manuel Figueira, visconde de Pernes, conselheiro Azevedo Coutinho e Balthasar Cabral.* — Por detraz, em pé, entre outros: *conselheiro José da Silveira Vianna, José Cyrne, addido militar hespanhol D. Rafael Apparici, general Honorato de Mendonça, general Gouveia, coronel Albuquerque, marquez Martorel, tenente Silveira Ramos, conde de Verride e varios officiaes hespanhoes.*

tez do illustre chefe progressista, que ainda assim se manteve n'uma linha de conducta que abona a disciplina do velho partido dos Passos...

E todos cantaram ou gemeram o grande côro da espectativa benevola e até no bico da pomba progressista, s. ex.^a encontrou um raminho de oliveira, symbolo da paz que, valha a verdade, o nobre presidente do conselho estava longe de esperar... em tal bico.

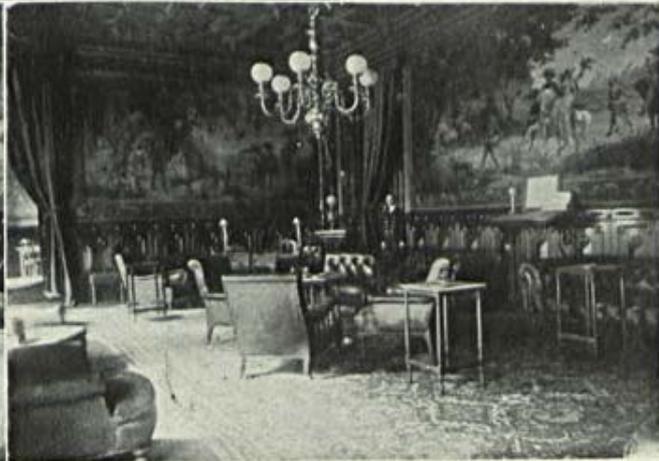
E entre flôres, perfumes, chilreadas de passaros, se organisou o ministerio, e tão bem, que elle proprio é uma flôr — flôr mysteriosa — cujo signi-



ficado não vem no livro dos sonhos nem tampouco no Manual dos Namorados.

Virá por bem? virá por mal dos nossos peccados? Vão lá dizel-o! Eu, que tive o palpito de o considerar um lindo mal-mequer, fiz a costumada experiencia e devo declarar que fiquei satisfeitissimo. Foi assim:

Reino — Mal-me-quer...
Justiça — Bem-me-quer...
Fazenda — Muito...
Guerra — Pouco...
Marinha — Nada...
Estrangeiros — Mal-me-quer...
Obras publicas — Bem-me-quer...



(Clichs de A. C. Lima).

O interior do "Turf Club". — Aspectos da sala de recepção e da sala de jantar

Pois se fica em bem me querer não serei eu que lhe pague com ingratidão. Pode contar com a expectativa benevola de mais um.

A festa da flôr — leram nos jornaes? — não foi, positivamente um certamen encantador, como seria para desejar, visto como foi orga-

Blasco Ibañez em Portugal



Visita a Cascaes. — Na estação do Caes do Sodré.
Da esquerda para a direita: Abel Botelho, Raposo Corrêa,
Blasco Ibañez, Jayme Victor, Schwalbach, Ferreira Mendes,
Fernando Reis, Ferreira Lima e Rosendo Carvalheira

nisada tarde e n'ella trabalharam apenas algumas, poucas pessoas de boa vontade. Mas deu-nos a inelavel consolação de vermos que ainda ha espiritos gentis capazes de, contrariando a damninha rotina e alheando-se á vida mesquinha e sem ideias que é a nossa triste vida, fazerem alguma coisa de bello, de nobre, de util.

A iniciativa da festa da flôr coube ao distinctissimo medico sr. dr. Amor de Mello que com o auxilio de algumas dedicações a poude levar a effeito em varios estabelecimentos das ruas principaes de Lisboa, cujas montras appareceram ornamentadas em geral com gosto, offerecendo algumas um lindo aspecto.

Pena foi que as ultimas chuvas tivessem feito perder a natural belleza ás flôres que escaparam ao tempo agreste e que aquelles a quem devia caber um dos melhores quinhões da sympathia publica pela offerta de bons exemplares de flôres para a sympathica festa se retrahissem n'um egoismo — chamemos-lhe assim — verdadeiramente inexplicavel.

Ainda assim appareceram em algumas montras, a par de montões de flôres vulgares, lindissimos exemplares de rosas, cravos e amores perfectos, malmequeres e cataleias, sendo digna de menção especial a montra da relojoaria Plantier que expoz soberbos exemplares da famosa quinta da Outra Banda, onde o nosso pobre Paulo Plantier cultivou com amor, com fanatismo, as mais raras, formosas e exquisitas castas de rosas.



Blasco Ibañez em Portugal. — EM LISBOA — Visita ás officinas da Editora
(Clichê de J. Benoitel.)

Emfim, os promotores da festa devem estar satisfeitos com esta tentativa, que em annos subsequentes deve ter foros de verdadeiro acontecimento, conseguindo, como é de esperar, reunir em volta da sua delicada ideia, as boas vontades geraes, de floricultores e negociantes, a quem, agora, uma coisa tão simples se afigurou um bicho de sete cabeças...

No velodromo de Palhavã realisou-se o annunciado concuso internacional hippico promovido pelo *Turf-Club*.

Foi este o grande acontecimento *sportivo* da quinzena, que attraheu áquelle recinto tudo o que Lisboa tem de mais distincto no mundo *sportivo* e da elegancia. As enchentes foram completas e o entusiasmo manifestado pelas provas, prestadas por dextros cavalleiros hespanhoes e portuguezes levaram ao rubro o entusiasmo da assistencia.

Cavalleiros e cavallos fizeram coisas do arco da velha, correndo e saltando com a gauda de quem foge a um policia em dia de pavorosa.

Eu, que em materia de *sport* não vou além das corridas em electrico, em que estou rasoavelmente treinado, tendo durante a minha vida montado uma unica vez uma pobre burra, que dois minutos depois de me sentir o peso me atirou ao chão e se atirou para cima de mim, tenho naturalmente pelo hippismo uma admiração excepcional em que entra um pouco de terror — por causa da burra, está claro. Assisti boquiaberto ás provas do concuso. Nunca tinha visto um espectáculo d'aquelles e confesso que fiquei maravilhado. Vi coisas estupidas que nunca imaginei se pudessem realizar com o concuso de qualquer e muito menos com o concuso de um cavallo. E' de hallucinar, positivamente! E tanto, que quando um garboso militar obrigou o seu nobre corcel a dar um salto enorme, provocando uma explosão de applausos, pareceu-me que o espectro da burra da minha longiqua mocidade me murmurava ao ouvido:

— Já não ha bestas! Ah caramba, isto havia de ser aqui ha uns trinta annos atraz!...

Camara Lima.



Blasco Ibañez em Portugal
EM LISBOA. — Visita á Editora
Da direita para a esquerda:
Blasco Ibañez, Justino Guedes
e Ribeiro de Carvalho —
o escriptor, o editor e o tradutor

A telha d'ouro do Escorial

A'cerca de telha d'ouro do Escorial, conta-se a seguinte versão: Quando Filippe II mandou construir aquelle assombroso monumento commemorativo do glorioso feito d'armas de São Quintino, estava então na côrte de Hespanha um diplomata francez, archeologo e architecto.

O monarcha hespanhol levou ao Escorial o diplomata e consultou-o acerca do monumento que elle lencionava mandar erigir.

— Que tal vos parece a minha ideia? perguntou o rei ao francez.

— Magnifica, senhor, demasiado bella.

— Julgaes seja irrealisavel?

Vacillou o diplomata francez em responder e passando com a vista uma demorada analyse aos materiaes ali accumulados, disse depois sorrindo-se:

— Creio que succederá sobrar muita pedra e faltar muito ouro.

Filippe II morden os labios e não respondeu.

Annos depois, o mesmo diplomata, acompanhado pelo monarcha, contemplava assombrado o mosteiro do Escorial.

— E que é aquillo que brilha tanto? perguntou a ellei.

— Onde? disse o soberano, com ar distraido.

— Ali, perto da cruz do zimbório.

— Ah! sim! respondeu Filippe II, aquillo é ouro, porque, contra o parecer de... alguns architectos, quando se estavam concluindo as obras, faltou-nos a pedra e, como nos sobrava ouro, mandei fabricar um ladrilho d'este metal para tapar o buraco.

Comprehendeu então o diplomata o seu erro e, se não se desfez em desculpas perante o rei, foi porque este voltando-lhe as costas despresadoramente, passou a fallar com João Herrera.

Aquelle ladrilho de ouro levaram-no como recordação historica os francezes na visita que alli fizeram no principio do seculo passado. Em seu lugar se collocou outro de metal dourado.

Politica internacional

Não ha duvida que este começo de seculo é singularmente doloroso para quasi todas as nações da Europa, ou melhor para todas as nações em geral, porque na Asia, na America, na Australia e na parte da Africa povoada pelas raças brancas a inquietação é a mesma e igualmente accentuado o mal estar que a todas perturba.

Dizer que esta inquietação e estas perturbações são inherentes ás épocas de transição, como a actual, é o mesmo que não dizer cousa alguma, porque «épocas de transição» são todas as da historia. Do momento em que a evolução é continua e ininterrupta, toda a época é de transição para a seguinte. De modo que a classificação em «épocas de estabilidade» e «épocas de transição» é inteiramente

que os problemas em via de resolução estão sendo contrariados por outras forças que se oppõem á sua solução normal e pacifica. No fundo é a politica internacional das chamadas grandes potencias a principal responsavel pelo que está acontecendo. Mesmo as questões internas de caracter meramente social, como as grèves e outros movimentos de protesto do proletariado, são um resultado da politica externa dos principaes estados que impondo aos respectivos povos esmagadores encargos financeiros, levanta justificada reacção que cada dia vae adquirindo caracter mais accentuadamente revolucionario. Os auctores do actual syndicalismo e outras fórmias violentas do socialismo de acção não são os propagandistas theoreticos de gabinete, nem mesmo os adeptos das doutrinas sociaes mais avançadas, mas os apumados estadistas conservadores e auctoritarios da escola bismarckiana, que ha perto de meio seculo submetteram a Europa ao regimen da paz armada, que lhe tem esgotado a riqueza, dando-lhe apenas em troca basta colheita de malquerenças e odios. Estes sim é que são os responsaveis pelo estado revolucionario em que o mundo civilisado se encontra, porque o mal já invadiu os outros continentes fazendo n'elles tambem consideraveis estragos.



Blasco Ibañez em Portugal. — *Aspecto do banquete realisado na sala da Editora e oferecido por Justino Guedes em honra do grande escriptor hespanhol*

subjectiva e não pode ter a mais pequena pretensão a classificação scientifica.

A sua filiação é conhecida. No tempo em que da historia se tinha a noção analoga á celebre «theoria das catastrophes» em geologia, na qual se suppunha que a transformação do globo se realisara por meio de grandes convulsões repentinas e inesperadas, acreditava-se tambem que a evolução do progresso humano era o resultado de uma serie de revoluções theatraes, de grande espectáculo, que de um dia para o outro transformavam a fisionomia social do mundo, em successivas mutações á vista. D'ahi o suppôr-se que cada uma d'estas revoluções representava uma «época de transição», e que entre estes movimentos espasmodicos, se estendiam tranquilos e estaveis os periodos organicos da vida da humanidade. Eram felizes os que n'estes periodos de quietação tinham nascido. Infelizes pelo contrario os que a sorte tinha destinado a verem a luz do sol nas quadras de perturbação.

Esta antiga noção da historia, porém, está hoje posta de lado, e assim como na geologia a «theoria das catastrophes» foi substituida pela «theoria das acções lentas», assim tambem em historia a dupla theoria das «épocas de transição» e das «épocas de estabilidade» foi substituida pela noção scientifica de uma «evolução permanente» sem paragens, incompativeis com a sua propria natureza, mas tambem sem sobresaltos, que tornariam incomprehensivel a continuidade do processo social.

Assim, pois, não é pelo facto de ser uma época de transição que a vida das nações contemporaneas tão dolorosa está sendo, mas por-

E perante tão grave situação não é difficil ser-se propheta. Ou os governos se resolvem a pôr termo ás loucas despesas com os armamentos terrestres e maritimos, que arruinam e desmoralizam as nações actuaes, ou os povos se levantam n'um protesto, que será tanto mais violento e desorientado, quanto mais tardar a medida reparadora. E' mesmo possivel que esta medida tarde tanto, que não possa evitar o desastre supremo, que se está annunciando ha já algum tempo por inequívocos signaes.

Sem fallar de Portugal, que, conforme ao plano adoptado para estas chronicas, tem sido excluido das nossas resenhas quinzenaes de politica externa, e começando pela Hespanha, vemos que na nação visinha a situação interna está longe de ser lisonjeira. Não obstante a incontestavel habilidade e o prestigio de Maura, questões importantes ameaçam converter-se em serias difficuldades n'um futuro não remoto. Uma d'essas questões é a da Catalunha, que cedo ou tarde terá de ser resolvida no sentido das aspirações dos nacionalistas. Quanto mais tardar esta solução mais radical tem ella de ser, por mais que isso pese ao orgulho do elemento castelhanao propriamente dito. O actual governo ou antes o seu presidente, percebendo o perigo de ir de encontro aos desejos dos solidarios, tão claramente manifestados nas eleições, apresentou o celebre projecto de lei de autonomia local, com que espera satisfazer as reclamações catalãs.

Não é provável, porém, que o consiga; continuando esta questão essencialmente nacional a dominar toda a nova política da monarchia.

A segunda questão que começa a preocupar os espiritos na nação vizinha, é o renascimento do movimento republicano que, nos ultimos tempos e devido a diversas causas, tanto se tinha amortecido, a ponto de muitos suporem que só tarde viria a readquirir outra vez relativa importancia. As ultimas eleições municipaes proporcionaram, porém, grande desillusão aos que assim pensavam. A somma dos candidatos que triumpharam é de tal maneira subida, que n'um momento o partido republicano se converteu de quantidade quasi sem valor, em factor de primeira importancia para a vida politica. Como se vê, pois, ha no actual momento em Hespanha ele-

dos, o sr. Isvolsky se apressou a reconhecer a annexação das duas provincias a um simples aceno de Berlim, é a este respeito bem elucidativo.

Mas não é só a questão internacional que inquieta a França. E' tambem a questão de Marrocos, que, apesar de todos os accordos e todos os tratados, continúa a ser um sorvedouro de gente e sobretudo de milhões, e que em aberto como está e estará por muito tempo, pôde ser origem ainda de bem desagradaveis surpresas.

Acima de todas as questões, porém, que actualmente agitam a republica, a mais importante, a mais grave, e a mais cheia de perigos para a propria existencia do regimen, é a interna ou social, como bem pôde chamar-se-lhe. Apesar de toda a energia do chefe do governo, e apesar da tenacidade com que elle prosegue na execução do seu programma radical chega-se a duvidar que elle possa dominar o movimento syndicalista, que assumiu proporções imprevisas e inquietadoras. As grèves succedem-se cada vez com maior gravidade, a propaganda francamente revolucionaria alastra com extraordinaria intensidade, e pergunta-se o que vai succeder em França quando Clemenceau, cansado d'esta lucta em que está empenhado, tiver de ceder o logar a outro governo. Que ministro conseguirá vencer os obstaculos, que fazem recuar o mais energico estadista da republica? E o mais singular é que apesar do seu pulso de ferro, apesar de ser apontado pelos syndicalistas como um cruel tyranno, que é preciso destruir a todo o custo, Clemenceau é alcunhado de fraco, de tibio e de transigente pelos órgãos conservadores, que attribuem à sua indecisão a intensidade do mal, que por toda a parte está lavrando.

O perigo da actual situação, a continuar assim por algum tempo mais ou se ainda se accentuar, está no panico de que podem deixar-se dominar as classes conservadoras, que em França, apesar de todas as revoluções, são bastante poderosas. E' de recear que para escapar aos exaggerados perigos, a que suppõem exposta a ordem social, se lancem nos braços de algum dictador que afogue a liberdade. Não ha duvida que a França possui hoje uma educação democratica, que lhe faltava nas épocas em que foram possiveis as dictaduras, em 1848 por exemplo. No entretanto o medo é mau conselheiro, e ninguem pode prever a que desorientação são capazes de chegar os interesses assustados de uma burguezia tão conservadora como a franceza.

Não é pois facil a missão do sr. Clemenceau, e todos os amigos da França só devem desejar que a actual agitação ali se apazigue e que sem violencias e sem perturbações se dê tempo ao governo para realisar o seu programma democratico.

CONSIGLIERI PEDROSO.

MARIA

Chamam-te um Anjo. Eu no entanto, chamo-te um nome mais santo de mais valia e poder; pois não ha outro no mundo, por mais divino e profundo, que chegue a este: Mulher.

Mario Salgueiro.

Aspectos da exposição de pintura realisada no Grande Club de Lisboa



mentos que promettam profunda transformação no modo de ser d'esta nação.

E' segundo todas as apparencias mais grave ainda a situação da França. Pôde mesmo dizer-se que nos trinta e oito annos da sua existencia nunca a republica passou uma hora mais triste. A questão internacional, momentaneamente apaziguada pelo accordo franco-allemao a respeito de Marrocos, continúa no fundo a ser a mesma — inquietadora e perigosa. Ou a França se conserva fiel á *entente* com a Inglaterra, em todas as eventualidades que se possam dar, e n'este caso é sempre uma invasão allemã que ella tem em perspectiva, ou ella se desprende da *entente cordiale* e n'esse caso cae na orbita da politica allemã, com todos os perigos e todas as incertezas, que semelhante situação comporta. Por mais que os seus estadistas e os seus publicistas o afirmem, a França não pôde ter hoje uma politica externa completamente independente. O taboleiro da politica internacional é no actual momento occupado por dois jogadores — a Inglaterra e a Alemanha. Fora d'estes dois personagens tudo o mais é episodico e secundario. As outras nações ou se encostam para um ou para outro lado. O que não podem é ter logar independente e á parte em frente do grande duello, que ha de acabar tragicamente, já todos o comprehendem. Podia a dupla-alliança representar o papel de medianeira entre os dois contendores, se a Russia batida pelo Japão não houvesse militarmente descido á categoria de potencia de segunda ordem. Mas depois de Mukden e Tsusima o imperio dos tsares deixou de existir para a grande estrategia militar e para a alta politica da Europa. O que se passou á ultima hora com a questão balkanica em que, sem consultar sequer os seus allia-



(Clichés de A. C. Lima).



Francis Bourne
Arcebispo de Westminster

Arcebispo de Westminster

Estará em Lisboa dentro de poucos dias o arcebispo de Westminster, a mais alta dignidade ecclesiastica da Inglaterra.

Depois da sua peregrinação a S. Thiago de Compostella vem visitar Portugal, onde exceptionaes homenagens se preparam em honra de tão illustre visitante.

São interessantissimos os traços que constituem a biographia do venerando prelado inglez.

Francis Bourne, arcebispo de Westminster, nasceu em Chafam em 1861. Sem pae, Henry Bourne, foi um convertido á Egreja. Educou o filho em Ushon; em Old Hall Ware, e em Saint Sulpice, Paris, onde recebeu as Diacotas em 1883; e na Universidade de Louvain. Ordenado pelo Bispo Coffin, de Southwark, em 1884, passou os cinco annos seguintes como coadjutor em Blackheath, Mortlake e West Griustead, onde, tendo a seu cargo a educação espirital dos rapazes, mostrou aquelle interesse na sua educação e destino que adquirira na sua estada com os Silesianos em Turim. Devotado á educação de padres nos seus primeiros graus, deixou os orphãos de West Grinstead em 1889, á chamada do Bispo Butt, para fundar o Seminario Diocesano de Wsuersh. Conservou-se na Reitoria dirigindo conjuntamente a cadeira de Theologia Moral e Sagrada Escripura até 1898, e fez da instituição o modelo que é, nesse sentido, o precedente para seminarios diocesanos separados, e a grande serie de argumentos aduzidos na colleção de valiosos artigos publicados no «The Tablet». Em 1895 foi nomeado Dom Prel. junto a Leão XIII, e no anno seguinte foi consagrado Bispo Titular de Epiphania e Coadjutor do Bispo de Southwark, a quem succedeu em abril de 1897. Em setembro o Bispo tomou parte directiva nas festas de Saint Agustide em Ebbsfleet, e pouco depois acompanhou o Cardeal Vanghau a Arles, uma jornada de impressões memoraveis. Durante o seu governo na Diocese de Southwark formou-se uma serie de empresas sociaes e de soccorro. Alistou corporações laicas em trabalhos de soccorro; e adoptando a palavra de vigilancia do Cardeal Vanghau «serviço pessoal», estabeleceu duas instituições de senhoras para procurar soccorros aos pobres. O desenvolvimento das Brigadas dos Rapazes Catholicos, que marcou a sua estada em Southwark, foi a sua despedida do seu antigo e importante interesse na educação dos rapazes. Ainda que sendo o membro mais novo do Episcopado Inglez foi trasladado para Westminster, como successor do cardeal Vanghau em Agosto de 1903, recebendo o palio em novembro. Como o 4.º de uma linhagem gloriosa, o Arcebispo tem uma herança de tradições, e é comprehendido, respeitado e interpretado d'accordo com as necessidades e ideias de uma nova geração. E' esse homem forte na sua tranquilidade e confiança, e fez sentir esta sua força, com a admiração de toda a Inglaterra, na sua conducta no Congresso Eucaristico de 1908, e especialmente no seu proceder perante a difficil posição creada pelo acção do governo relativamente á proposta procissão do Santo Sacramento pelas ruas.

A flôr maior do mundo

Até agora, toda a gente julgava que nenhuma flôr era comparavel pelo tamanho ao grande chrysanthemo. Era um erro. O mais sumptuoso exemplar da rainha do outomno é pouca coisa pelo esplendor e pelo efeito, ao lado do *bobo*, planta que prospera em uma unica região do planeta — n'uma das ilhas Philippinas — e nas encostas dos vulcões, a muitos milhares de metros acima do nivel do mar.

A flôr de que falamos compensa a sua raridade com as suas dimensões: os seus botões teem o tamanho da couve flôr mais volumosa. Quando a flôr está completamente aberta tem perto de um metro de diametro. E para comparal-a com alguma coisa, embora a comparação seja prosaica, diremos que o seu diametro é o de um chapéu de chuva dos maiores.

A expedição botanica allemã, dirigida pelo doutor Schdanneberg que descobriu semelhante maravilha vegetal, pesou a flôr, e achou-lhe proxivamente onze kilogrammas. Na impossibilidade de a trazer para a Europa sem ella murchar, photographou-a, e as suas petalas seccas foram remetidas para o Jardim Botanico de Breslau, onde os curiosos admiram os restos da maior flôr do nosso planeta.

Canções das rosas

Rosas d'abril! cada rosa
E' uma boca viçosa
Que se abre para cantar
Canções que a alma, com ellas,
Tem de subir as estrelas
Para as poder escutar!

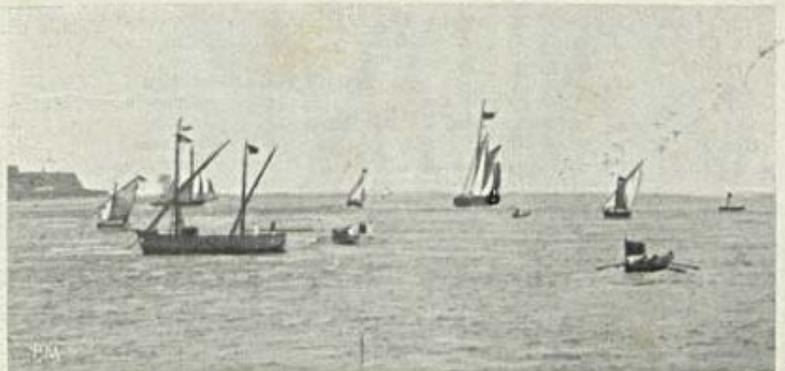
Sobe em revoadas de veiros,
Presas aos aromas dispersos
Que são as vozes das flores...

Só ouvem cantar as rosas,
As tristes almas anciosas:
Os poetas e os sonhadores,

Da *Musa d'Amor*.

Conde de Monsaraz.

CRABO VERDE. — Cidade da Praia



Dois aspectos da regata promovida pelo Conselho Regional da Liga Naval

COIMBRA

NOBRE CIDADE

Era um livro que faltava. E só agora depois de o termos reconhecemos que antes d'elle estava incompleta a litteratura portugueza. O mesmo succede áquelles que nunca pensaram em viajar mas, feita a primeira viagem, cheia a retina de novas paizagens, repleto o espirito de conhecimentos novos, se surpreendem de a não ter realisado ha mais tempo.

Portuguez que se prese não conhecemos nenhum que de Coimbra, das suas paizagens, das pittorescas margens do seu rio, da sua Universidade, dos seus futricas, das suas tricanas, dos seus lentes,



Vicente Pinheiro de Mello (Arnos)

dos seus estudantes, não tenha uma noção mais ou menos vaga, mais ou menos concreta. E das impressões colhidas indirectamente ou de visu, não havia mais que fórmulas esparsas, opiniões diversas. O que faltava era, por assim dizer, o transparente e artistico frasco de crystal onde se encerrasse a quinta essencia das emoções poeticas, das finas e translucidas observações, da idiosyncrasia de um espirito subtil, rendilhado e culto, cheio todo elle da vida, do encanto, da graça, d'essa Coimbra, nobre cidade, já saudada ha quatro seculos pela musa do maior poeta portuguez de todos os tempos.

O Benevenuto Cellini d'esta preciosa obra de joalheria poetica é Vicente Pinheiro de Mello, ou deixae que o tratemos de preferencia pelo seu nome de guerra litterario, Vicente Arnoso.

Cursava elle ainda a Universidade, e já uma onda de lyrismo, que deixava prever o cinzelador delicadissimo, tentava affogar-lhe para sempre o Digesto e o Direito romano. As canções do povo, as cantigas, ás vezes profundas, das frescas raparigas de Coimbra, as modas populares, accordaram-lhe o sentimento nativo que de quando em vez se desdobrava em lyricas de uma suavidade e de uma singeleza que pareciam até ahí apanagio dos trovadores. Sentia-se que todo o seu espirito estava voltado para esse puro sol da inspiração popular, e que nelle andava germinando qualquer obra de mais duração e de maior cunho. E essa não tardou em vir a lume. Concebeu-a lá, na terra magica que imprime a sua poesia inconfundivel, a sua ternura pantheista, em toda a mocidade que por ella passou. E deu-lhe vida, e deu-lhe alma, toda a sua alma, onde? Na fria e longinqua Germania, no seio da cidade mais rumorosa e expansiva que

hoje existe na Europa, isolado entre a multidão revolta, vivendo, não lá, mas no seu paiz distante, o pensamento alheado do agitado mundo que o envolvia, respirando o ambiente da imaginação, o coração entregue a uma recordação affectiva, o espirito de artista vibrando apenas de uma saudade. Foi ahí, foi nessa movimentada e garrida Berlim, que vive em festa dia e noite, foi ahí que Vicente Arnoso verteu do coração ao papel todas as emoções que lá abrigára, todas as saudades d'essa linda Coimbra, que elle via com os olhos do espirito, que o encantava ainda como a um velho namorado, da qual os echos amados, o doce ciciar das brisas do Mondego, as vozes de amigos que por lá ficaram, e até, esse bronzeo tanger da *cabra* á hora poetica do pôr do sol, tudo isso, na saudosa distancia abafava e escurecia em volta d'elle o movimento febril de Friederickstrasse e de Unter der Linden, e triumphava ao seu ouvido e ás suas recordações como se a remota e querida Coimbra fosse nesses momentos, de suprema evocação, todo o Universo.

Só assim, em pleno dominio da abstracção, no culto absoluto de uma affeição longinqua se podem escrever paginas como *A minha servente, Santo Antonio dos Oliveaes, Vinte annos depois*, todos esses bellos trechos da Coimbra lèda, todo esse rosario de *Acé Marias*, de invocações tão piedosas que nem parecem ser profanas. Só assim se concebe que aquelle delicado fio de ironia portugueza que atravessa outras paginas se não haja perdido atravez do espirito allemão, solido e prosaico. Só assim se comprehende que o luxo ostentoso das *damen* de Berlim e aquelles cabellos de cerveja das *Fraulein*, de que fala o capitulo que hoje reproduzimos, passe despercebido aos olhos de Vicente Arnoso, enternecidamente voltados para a terra em que brilhavam outros, que tinham sido o encanto da sua mocidade academica, para essa verdejante Coimbra em que os vultos suaves da Rachel, da Palmyrinha, de todas as irmãs da Alegria, como elle lhes chama, continuam a povoar-lhe o espirito e o coração.

Livro de emoções, livro de poesia naturalista, a *Coimbra nobre cidade*, occupará de hoje em diante um lugar áparte na estante preferida pelos artistas para as obras predilectas do sentimento poetico. E a valorisá-lo, se d'isso precisasse, lá, tem a prefaciá-lhe as paginas o nome de outro poeta, Alfonso Lopes Vieira, o iconoclasta da velha universidade, que completa por uma fórma mais expressiva e energica o pensamento do seu amigo, doce como o mel para tudo quanto sejam lembranças queridas, e, como o fel, amargo para tudo quanto lhe recorde a poeira das sebatas e a sombra dos lentes.

JAYME VICTOR.

Santo Antonio dos Oliveaes

E' domingo. As grandes ruas da capital, quasi desertas, teem um aspecto desolador. Comboios, carros, automoveis, desde pela manhã regorgitam de gente que corre para o campo, na ancia de viver o seu dia fóra da casaria symetrica, entre as arvores.

Olho para a folhinha. E o meu portuezinho *Borda d'Agua* ensina-me que é dia do Espirito Santo; e o meu pensamento alheio e indifferente a toda essa multidão estrangeira, vóa, como por encanto carinhosamente, para a Coimbra longinqua, tanto do meu coração e do meu espirito.

Dia do Espirito Santo! E atravez da minha saudade, sempre quente e viva, julgo-me ainda a caminho de Santo Antonio dos Oliveaes, a mais linda e poetica romaria do meu paiz distante. Todo esse passado resuscita em mim, resplandecente de luz e calor.

Oíço guizalhar as altas diligencias apinhadas de gente, sahindo dos Arcos do Jardim, cruzando-se por aquella bella estrada de Cellas fóra, por entre roseiras em flôr, com grupos amorosos de estudantes e raparigas no seu caracteristico traje, o lenço, o aventalinho, o chale — esse chale de Coimbra em cujo simples traçar, compassado e dolente, a mulher põe uma graça exquisita, tão differente, meu Deus! do porte d'estas *Fraulein* de cabellos de cerveja e faces onde não floresce a violeta que circunda os olhos . . .

E' mais além o vasto recinto, povoado de capas negras e de côres garridas, em que os feirantes estendem as airozas talhas, as tilintantes campainhas de barro, o manjar branco, as arrufadas, os doces pasteis de Santa Clara e Tentugal.

Lá no alto vejo erguer-se, devotamente, a branca ermida, com a cal rebrilhante á luz forte, com a sua escadaria de pedra, rindo, muito branca, ao sol claro e festivo.

Toda uma multidão se move, alegre e contente, no meio dos preções, docemente arrastados, das vendedouras ambulantes. Pelo ar lavado ha echos de canções, ha risos crystallinos de mulheres.

Volvo á minha saudade sempre quente e viva, e parece-me vêr Coimbra, como tantas vezes a vi, do adro da pequenina ermida, onde as oliveiras erguem para o ar os seus verdes braços, n'um gesto de perdão, e julgo vêr lá ao longe a cidade, na desalinhada graciosidade da sua casaria, emquanto em baixo o rio de areias de ouro foge n'um

delgado fio por entre sombras de choupos e salgueiros, arvores de ballada, arvores do meu amor . . .

E recordo-me da volta de Santo Antonio dos Olivaeis . . .

A volta de Santo Antonio dos Olivaeis . . . Alegre debandada, mas com não sei quê de nostalgico e de muito dolente . . . O ar anda cheio de beijos, cheio de murmurios de confissões de amor, as estrellas accendem-se no céu, as flores rescendem, as vozes erguem-se, cantando, finas . . .

Todas ellas, as raparigas do meu tempo, desfilam agora, tão longe dos meus olhos, tão perto do coração, e revejo seus perfis suaves, doces e tristes.

As suas imagens veem até mim, em carinhosa romagem, até esta fria Germania, dura de certo para os seus corações . . . São as irmãs da Alegria, Isabel e Deolinda, — que nós confundiamos no mesmo amor; a Rachelinha da Couraça, a Palmyrinha, a Candida, a Beatriz, a Fernandinha, a Dores, e tantas outras, tantas, cujos nomes só por si são musica de beijos, e nos meus labios deixam, quando os digo, perfumes de flor, gostos de fructos . . .

Anoiteceu. Enquanto lá em baixo as ruas da cidade recuperam a pouco e pouco o seu monotono e ruído movimento, chega aos meus ouvidos, n'uma voz clara e harmoniosa, como ultimo echo dessa festa distante, esta quadra em que um dos maiores poetas da nossa terra definiu a mais doce palavra portugueza:

Esta palavra saudade,
Aquelle que a inventou
A primeira vez que a disse
Com certeza que chorou!

Berlim, Junho de 1908.

Vicente Pinheiro de Mello.

José Queiroz

Da minha terra: Figuras de arte Impressões de arte

O retrato de José Queiroz e um dos melhores capitulos do seu ultimo livro, illustram hoje esta pagina do *Brasil-Portugal*.

Não é elle um hospede novo. Conhecem-no de ha muito os nossos leitores atravez de manifestações diversas ao seu espirito. Firmada pelo seu nome appareceu n'um dos primeiros annos d'esta Revista uma illustração primorosa que affirmava os meritos de pintor. E de prosador elegante alguns formosos trechos litterarios já teem vindo tambem n'estas columnas.

José Queiroz, é uma individualidade de destaque, quem o duvida? Artista de raça, parece haver herdado algumas das nobres qualidades dos pintores da Renascença que por multiplas manifestações espalhavam a sua actividade cerebral.

José Queiroz é pintor de cunho, decorador emerito, mestre reconhecido na sciencia do bric-à-brac, e crédor do reconhecimento nacional pelo serviço que prestou, fazendo a historia e a critica da ceramica portugueza n'um livro que fica.

Toda esta obra de valor ampliou a elle agora com um volume adoravel em que faz a historia de varias industrias portuguezas e traça os perfis de algumas figuras gradas como lhe chama, pondo no estylo essa individualidade muito sua e dando ao pensamento uma *allure* moderna, em que do grave ao doctico percorre com graça e facilidade toda a escala.

E' um dos mais interessantes capitulos *Da minha terra* que lhe pedimos licença para em seguida reproduzir.

Um sino gothico

Um dia de outomno, depois de as primeiras aguas haverem limpadado a paisagem e feito brotar flores; uma ermida caiada, reverbante de sol, com seu luzidio registo de azulejos, recordando-se na atmospheria intensa de anil; Bellasdonas, como lirios arroxados; os vermelhos Casadinhos; os brancos Junquillos; as Maravilhas-do-meu-velho; as Cantarinas, amarellas como oiro; as

Despedidas-de-verão, que apparecem a agradecer as primeiras gotas dos brandos chuveiros, tepidos pelo estio que abalou; um sino, badalando no respectivo campanario; foguetes, chamando, com seu estalar sêcco, á festa rija — são, em conjunto, elementos de alegria, que só a villa portugueza pôde offerecer. Sem o sino, todo o colorido arrial perderia metade do seu valor. «Festa sem sinos, em Portugal, não é festa». Assim o ouvi dizer a um portuguez illustre.

Ninguém para tocar sinos, cortio os portuguezes; ninguém para os comprehender, como nós, portuguezes. Creio, mesmo, que jámais houve paiz que gastasse tanto dinheiro em sinos, como Portugal, nem monarca algum, como D. João V, que tanto dispendesse em adquirir sinos, chegando a mercar dois carrilhões para o mosteiro de Mafra, por não achar bastante um só.

Haverá algum luzitano, que não tenha ligado ás recordações da mocidade certo repicar de sinos do bairro onde passou os verdes annos? A mim, não me esqueceram ainda os da torre de S. José, em que o sineiro exhibia, entre as modinhas do seu repertorio, a *Maria Cachucha!*

Que contraste, o dos sinos, segundo a hora em que se fazem ouvir! Nada de mais risonho que as torres parochiaes de Lisboa, avi-



José Queiroz

sando a população de que o dia é commemorativamente festival, nem de mais profundamente pavoroso que o toque a rebate, depois de o sino haver indicado o local de um grande incendio, em noite negra e desabrida!

Nada, como os sinos, para traduzir os dois aspectos fundamentais da humanidade — a vida e a morte.

Ha, porventura, no dia, momento mais respeitoso, mais cheio de poesia, que aquelle em que Millet se inspirou para pintar a sua obra prima, *L'Angelus*, hora da Annunciação, hora da *Ave Maria*?

Essa hora, que, mal o disco transpõe o horizonte, é recordada aos portuguezes por tres badaladas que os sinos tangem, e cujas harmonias, pouco a pouco, se vão extinguindo no caminho do sol, é a hora em que acaba a labutação dos campos e a luz solar, é a hora que annuncia a vinda do Senhor.

O sino gothico não tocava, não dizia nada, e creio que haveria muitos annos que o não faziam soar tristezas e regosijos. Absolutamente discreto, em attitude de gymnasta, fazendo o *christo*.

Ha doze annos, quando olhei para a torre do extinto mosteiro de S. Bento, a dois kilometros de Evora, vi um sino, que, apesar de ser do feitio dos outros sinos, fez-me bater o coração!

Não foi sem custo que consegui approximar-me d'elle. Então, fiquei maravilhado: era um sino gothico, de bello e delicado lavor, que a distancia a que o havia visto não deixava apreciar.

Que larga historia esse formado bronze não nos poderia contar! Quasi *cinco seculos* estavam alli representados, como o attestava a

data, nitidamente relevada! Toquei-lhe levemente, com o lapis com que copiava a arte, que marca o ultimo periodo da interessantissima e religiosa arte gothica. Respondeu-me baixinho, prolongadamente, como se repercutisse um côro beatifico de monjas, arrecadado por muitos annos:

— Ainda aqui estou, porque sou pesado e vivo fóra da facil acção dos vandalas...

Mais haveria que estudar, se não tivesse sido surprehendido e não temesse chamar a attenção para tão extraordinaria reliquia. Desci, com ideia de voltar, o que não pude fazer até hoje.

O mosteiro de S. Bento, de freiras de S. Bernardo, foi fundado em 1196, e deve ter sido terminado no tempo de D. João II, época posterior á fundição do sino — o mais bello que tenho visto.

Embora da fabrica não restem vestigios gothicos que se impo-

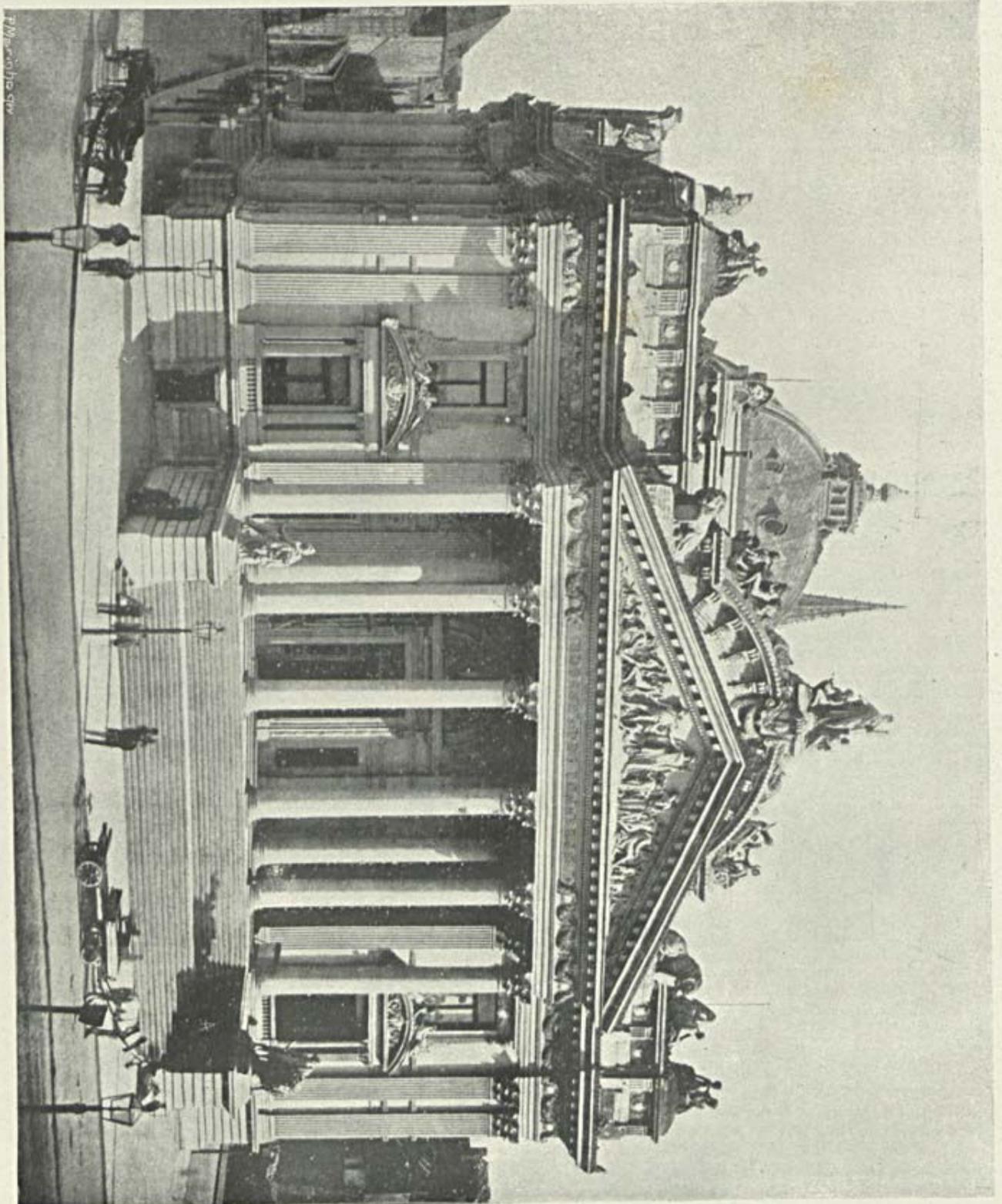
nam a uma rapida visita, é de crer que existam, tanto d'este, como do periodo romanico, em que o convento foi fundado.

Recommendo a algum curioso, que viva mais perto do mosteiro de S. Bento, este exemplar, que é digno de ser estudado em todos os seus pormenores — não vá o diabo derretel-o, ou *cosa por el estito*.

Por conseguinte, peço, a quem mais directamente competir vigilancia sobre este documento, que representa um valor, muito mais alto para a historia da arte, que para reduzir a moeda corrente. E' tempo de acabar com o actual desleixo. Os que nos succederem, tem o direito de ver dentro do seu proprio paiz alguma coisa de bello e de estimavel do que possuimos.

Perto do sino, objecto d'esta descripção, ha ainda um outro, datado de 1753.

José QUEIROZ.



Bruxellas. — O edificio da bolsa

O mar

Quantas emoções, quantas idéas desperta em nós a contemplação do mar! Quando se avistam os seus horizontes diáphanos, quando se observam os seus movimentos constantes, quando se experimentam as suas tempestades desfeitas, quando se escutam os seus bramidos horrisonos, a alma oscilla-nos, debate-se no calafrio do sublime, fica absorta, extasiada; — porque o mar é o que existe de mais grandioso e formidando, de mais solemne e soberbo em toda a vastidão do planeta.

A transparência de sua superficie, que parece um fragmento de céu excede em brilho um crystal veneziano; o azul de suas aguas que assemelha uma liquefação de turquezas; a phosphorescencia de suas ondas que recorda uma pulverisação de diamantes; os raios intensos do sol, que lhe extrahê faiscas de ouro e os reflexos suaves da lua que lhe linge arabescos de prata; as suas frescas brisas e as suas espumas referventes, as suas conchas nacarinas e as suas fulvas areias, as suas algas verdes e os seus roseos coraes, as suas cavernas esponjosas e as suas plantas exquisitas, os seus abyssos insondaveis e os seus peixes variadissimos; e depois, as suas borrascas furibundas, as suas restingas traiçoeiras e os seus naufragios tremendos, os urros do vagalhão que esbraveja e arrebeenta em serras e os gritos da maruja que se lhe afunda e sepulta nas voragens; e, por sobre tudo isto, a immensidade, a uniformidade, o infinito, tocando-se, continuando-se, confundindo-se, perdendo-se n'aquellas interminaveis amplidões, oh! o mar é na vida da natureza o que melhor define e mais se aproxima á vida do espirito: — é por suas inspirações e grandezas e contrastes e tragedias o que melhor caracteriza e mais se apropria aos sonhos da phantasia, aos matizes do sentimento, ás profundidades da idéa, aos éstos do desejo, aos apertos da dôr, aos repellões da desgraça, á poesia e á sciencia, á saudade e á esperança do homem.

Assim se explica e comprehende porque o mar tem sido sempre o grande fermentador do génio, o grande reflector da crença, o grande factor da historia, o grande impulsor e conductor da civilisação humana.

N'elle se remiraram as cultissimas cidades asiaticas, egypcias e gregas que foram o lustre e o mimo dos povos antigos. Por elle peregrinou Homero, repetindo os seus immortaes hexâmetros, junto d'elle discorreu Platão pronunciando os seus dialogos divinos. As suas vozes sonoras adestram a lingua de Demosthenes e as suas tepidas virações afinaram a harpa de David. A crina das suas vagas serviu de fundo ao theatro de Eschilo, de mortalha ao corpo de Sapho e de alfombra ás procissões hellenicis. Nas suas praias lourejantes cantou Virgilio como um propheta, e nas suas ribas contornadas pregou Jesus Christo como um Deus. Por cima do mar estiveram os apóstolos para evangelisar as gentes; á beira mar foi escripto o Apocalypse, e nas celagens do mar viu o discipulo amado desenhar-se a imagem da Virgem pura. Em frente do mar concebeu o Dante os mais excelso tercetos da sua genial epopeia catholica, e tracejou Camões as mais harmoniosas estancias do seu colossal poema da navegação oceanica. Do anilado seio do mar surgiu aos olhos do Gama a mysteriosa Asia, racingida de brocados e coalhada de perolas, e aos olhos de Colombo a joven America, rescendente de perfumes e tocada de brilhantes. Das entranhas palpitantes do mar, nasceu a romantica Veneza; e no Lido de Veneza, á hora melancolica do sol posto, ao toque cadencioso do *Angelus*, até o vulcanico poeta da duvida, da desesperança e da orgia, até o proprio Byron — bello e pervertido como Satan — tomado de deliquios celestes, caiu arrobadamente em joelhos, chorou, orou, e, a través das lagrimas e das preces, elle, o incredulo, elle o sensualista, contemplou a mãe do Verbo, adorou a mulher santa, que se lhe estampava na retina extasiada, deslizando-se sobre as aguas do mar, aureolada pelas purpuras do occaso, envolta em ceruleo manto, seguida da candida pomba, com as mãos postas no seio extremo, como que avocando a si todos os mortaes, todos os filhos seus, que, áquella hora bendita do amor, lhe estendiam os corações abraçados e os braços supplicantes, desde os escolhos do Adriatico aos areaes do golpho Persico e ás ilhas do oceano Pacifico, das ilhas do oceano Pacifico ás florestas do novo-mundo, das florestas do novo-mundo aos desertos da Lybia, a partir das nações do occidente e a seguir pela Italia, pela Grecia, pelo Egypto, pela Syria, pela India, pela China, pela Oceania, pelas duas Americas e pelas colonias europeas — formando de tribu a tribu, de região a região, de archipelago a archipelago, de continente a continente, um côro de eternas orações, circuitando gloriosamente o planeta n'um zodiaco de crenças rutilantes, de pennas e dulcissimas harmonias.

ALVES MENDES.

LEMBRANÇAS-TU?

A oliveira era velha!
Mas no seu tronco risonho
E' que te contei um dia
Como nascera o meu sonho

Eu... era a vida futura...
Era... a vida que passou...
Porém, o sonho desfez-se...
E a oliveira ficou!

Maria Cândida Parreira.

As minas do rei Salomão

Ha alguns annos, o celebre geographo e explorador allemão Carl Peters, descansando uma temporada em um antigo castello do seu paiz, encontrou na bibliotheca um livro velho com um mappa em que se dava conta das explorações dos portuguezes ha dois seculos, e ainda anteriores, nas regiões do Zambeze, em busca das minas de ouro, que era e é tradição existirem no interior da Africa. No mappa via-se tratado com rudeza, porém com notavel exactidão, o curso do Zambeze, e nas margens meridionaes do rio figurava o monte Fura.

Lembrou-se Peters de ter lido, algures, uma lenda antiga, que dava o monte Fura como encravado no centro do paiz africano do ouro. Fazendo minuciosas investigações em livros de viagens antigas e modernas, averiguou que Fura é nada menos do que o Ophir da Biblia, d'onde Salomão tirava as suas fabulosas riquezas. Fura, segundo o doutor Carl Peters, é uma corruptela indigena da palavra Afur, pela qual os arabes do seculo xvi conheciam aquella região. Afur era a forma africana do nome hebreu Ophir, do qual falla a Biblia no primeiro Livro dos Reis, em ambos os livros das Chronicas, em Job, nos Psalmos e em Isaías.

Quando em 1500 os portuguezes chegaram á Africa oriental, os arabes disseram-lhes que Afur era a Ophir do Velho Testamento. No primeiro livro das Chronicas diz-se que David deu para se dourarem as paredes do templo, tres mil talentos de ouro de Ophir e, conforme se julga, o talento de ouro equivalia a mais de 38 contos da nossa moeda, e portanto a quantidade de ouro que David entregou foi de 115 mil contos de réis. No primeiro Livro dos Reis, capitulo IX, afirma-se que trouxeram de Ophir a Salomão 420 talentos de ouro, equivalente a 16 mil contos nossos. E no capitulo VIII do livro segundo das Chronicas, menciona-se ter Salomão recebido outros 450 talentos de ouro, equivalentes a mais de 17 mil contos, tambem procedentes das minas de Ophir.

Eram, por conseguinte, estas minas um thesouro inexgotavel, e inflammada com tal ideia a imaginação do doutor Peters, apressou-se este a ir a Londres, isto é, á capital do dinheiro, e a formar uma companhia que custeasse todas as despesas das suas explorações em Africa, em busca do monte Fura.

Ha proximo cinco annos afirmou tál-o encontrado e dizia que, guiado pelos indigenas, havia encontrado não só o monte, como importantes ruínas n'uma região onde as rochas eram de quartzo e diorita, por entre as quaes corriam veios de ouro.

Alguns scepticos, vendo que o ouro de Ophir se não apressa a chegar, suspeitam que o viajante se tenha equivocado, tomando, como ruínas, penhas corroidas pelas aguas, pelos ventos e pelas montanhas de areia, agglomeradas pelos mesmos agentes naturaes. O tempo não tardará, por certo, em dizer quem tem razão e se effectivamente o dr. Peters encontrou as antigas minas de Ophir.



O theatro de D. Amelia e o visconde de S. Luiz de Braga

O decimo quinto anniversario do theatro D. Amelia teve no mez que hontem findou a sua consagração. Ergueu-se em torno d'elle e da sua empresa um côro de louvores e d'elles se fez echo a imprensa exhaltando com assignalada justiça os serviços por esse theatro prestados á arte, aos auctores dramaticos, aos artistas, e em resumo, á sociedade portugueza.

Chegámos tarde porque nos não deixou chegar mais cedo a data obrigada da publicação do *Brasil-Portugal*. Não nos impede isso, porém, de virmos com toda a expansão da sinceridade e da justiça juntar a nossa voz áquellas que se levantaram para celebrar um anniversario que marca successivos triumphos na arte portugueza, e que basta cital-o para mentalmente assistir ao desfile de todas as celebridades mundiaes que com a sua visita nos encantaram e comoveram.

D'esse côro de louvores ao elegante theatro do Thesouro Velho resaltou o nome do visconde de S. Luiz de Braga, que bem merece de quantos presam a arte, porque de todo o enorme movimento theatral que ha quinze annos attrae o publico portuguez ao theatro D. Amelia, é elle o impulso, a alma, a vida.

Emprezario por excellencia, conhece todos os segredos d'esse *metier*, que é dos mais complicados, dos que mais intelligencia demandam, dos que exigem diplomacia não vulgar, relações valiosas, tacto e energia.

Todos estes predicados abundam na individualidade imminente do visconde de S. Luiz Braga, e porisso á sua unica e acertada direcção foram confiados os destinos do theatro, e porisso a opinião publica se associou ás homenagens prestadas por amigos e admiradores no dia 15, anniversario do *D. Amelia*.

A base, a razão d'essas homenagens, precisou-as tão rigorosa-

mente o *Jornal do Commercio*, que é grande prazer nosso reproduzilas a seguir:

«Pelas seis horas da tarde de domingo, no famoso jardim de inverno do theatro D. Amelia, n'uma pequena roda de amigos, esse perfeito *charmeur* que é o visconde S. Luiz Braga, repetia, a pedido d'um de nós, a historia, um pouquinho accidentada, da fundação do seu theatro, d'esse theatro que elle tem feito com o seu alto espirito de artista e de empresario.

A historia tem quinze annos, completou-os no passado sabbado, e, no entanto, já evoca a memoria de alguns mortos e, a par d'ella, episodios e figuras cuja recordação marca na physionomia franca do visconde um riso alegre — e de saudades... Os olhos do illustre empresario, em que o brilho d'uma intelligencia arguta e rigida se alia a uma expressão de bondade, animam-se ao referir as peripecias d'esse periodo de vida e ao lembrar as vicissitudes d'esse theatro, que elle, por assim dizer, creou.

A historia dos quinze annos de vida do theatro D. Amelia é a historia dos ultimos quinze annos do theatro português. Por esse pulco tem passado as mais altas celebridades artisticas do mundo: a Duse, a Sarah, Rejane, Maria Guerrero, Zaccani, Novelli, Monnet-Sully, Emmanuel, Suzane Després, Sada Yacco, Charlotte Wiehe,



Visconde S. Luiz de Braga

Hadding, Le Bargy, Barthet, Clara Della Guardia, Tina di Lorenzo e tantas outras a par de Strauss e Colonne, Chevillard, Ysaie, Kubelick, etc.

No theatro D. Amelia se fizeram com a *Venus* e as *Viagens de Gulliver*, as mais arrojadas tentativas de exhibição de sumptuosidades scenicas que Lisboa tem presenciado; no theatro D. Amelia, finalmente, com a companhia Rosas e Brazão, quando em 1898 abandonou o theatro D. Maria e depois, já sem o grande mestre que é João Rosa, mas ainda com Augusto Rosa, Brazão e Lucilia, e, por ultimo, apenas com Augusto Rosa, Angela Pinto, Emilia de Oliveira, Luz Velloso, Chaby, Alves, Pinheiro, Azevedo, etc. — se tem dado ao publico lisboeta o mais variado, intenso e elegante repertorio estrangeiro e nacional.

Pelo theatro D. Amelia, que sempre tão alto levantou a arte de representar e que ainda agora com o director artistico de genio que é Augusto Rosa a mantem na sua mais alta expressão, pelo theatro D. Amelia, diziamos, tem passado, a par de quasi todos os melhores actores e actrizes, os melhores auctores portugueses, e foi no theatro D. Amelia que o homem superiormente intelligente e culto, que é o visconde S. Luiz Braga, abriu as portas do theatro ás estreas dramaticas de Julio Dantas, Malheiro Dias, Anthero de Figueiredo, Raul Brandão e ainda outros.

Recordar estes factos é, certamente, assignalar a grande importancia que, como factor educativo, o theatro D. Amelia tem sido ao publico de Lisboa. A elle se deve o milagre d'esse theatro, que ha dez annos voltava as costas a Novelli e a Zaccani, ao fim de meia duzia de representações, ser durante um mez a fio maravilhado, pela fidelidade da sua consciencia, pelo calor do enthusiasmo e pela perfeita orientação das suas predilecções, pela actriz Tina di Lorenzo, que, por isso, dizia considerar-nos um dos mais cultos publicos do mundo.

E dizer que esse milagre artistico conseguiu-o apenas a actividade, o gosto e o verdadeiro talento d'um empresario, sem para isto ter tido, senão excepcionalmente, necessidade de sacrificar o resultado material, que é sempre brilhantissimo, das suas explorações!... Quantas coisas bellas e fecundas se poderiam fazer assim em Portugal em todos os outros ramos de exploração artistica, se á frente de empreendimentos d'esses estivesse sempre a audacia, o tacto, a tenacidade, a finura de homens como o empresario do theatro do Thesouro Velho. E' que esse homem nasceu, em verdade, para dirigir homens; tem a bonhomia, a subtilidade para conhecer as situações, o poder de suggestão para attrahir as sympathias que fariam d'elle, por exemplo, um politico completo se as inclinações da sua vida e

do seu espirito não o tivessem feito antes o artista imminente que elle é, o excellente visconde!...

Resta-nos accrescentar que ha onze annos — desde a existencia d'esta Revista — acompanhamos sempre com a mais justificada estima as glorias obtidas pelo theatro D. Amelia e n'essa agradável tarefa continuaremos emquanto elle continuar a bem merecer da arte do publico, e da critica.

THEATROS

D. Amelia, a companhia de zarzuela. — **Trindade**, D. Paschoal; **A viuva alegre**. — **Rua dos Condes**, A Pavorosa. — **Colyseu dos Recreios**, a companhia lyrica.

Estão descansando das fadigas da época theatral algumas das salas de espectáculo de Lisboa. Fecharam as suas portas: **D. Maria**, o **Gymnasio**, o **Príncipe Real** e o **Avenida**. As d'este ultimo reabrir-se-hão desde já com uma companhia formada pelos artistas que na maior parte constituíam o seu antigo elenco.

Funcionam: **D. Amelia**, que tem feito as delicias dos amadores de zarzuela. Succedem-se as enchentes no elegante theatro, como se succederam dias antes em que a Tina di Lorenzo e a sua esplendida *troupe* trouxeram pela segunda vez a Lisboa o encanto espiritual de uma arte em que ella é sacerdotisa magna, e de que são devotados fieis todos os que em noites successivas, emocionados, exprimiram em bravos e palmas a sua admiração pela formosa e extraordinaria actriz.

Não são menos expansivos nem em menor numero os *habitués* da zarzuela, que à *chaudes mains* applaudem a Pilar Mari, a Calvo, a Campos, a Dolores Côrtes, o Miró, o Nadal, o Gonzalez e todos esses graciosos interpretes da zarzuela *chica*.

A esta dentro de poucos dias, succeder-se-ha a bailarina Sachetto, uma celebridade no seu genero especial de fazer reviver as danças antigas, e a empresa do **D. Amelia** continúa a fornecer bizarramente á população de Lisboa estes acepipes nocturnos, que são ao mesmo tempo um encanto para o espirito e um regalo... para os olhos.

A *Viuva alegre* lá vae alegrando todas as noites toda a gente, sem excluir as viúvas tristes. Tem sido o prato de resistencia da **Trindade**, dando enchentes ao theatro todas as noites que se annuncia. Na gloriosa existencia da *Viuva alegre* abriu o parenthesis o **D. Paschoal**, a velha opera de Donizetti que parece ter sido posta expressamente em scena para confirmação dos brilhantes recursos vocaes do barytono Bensaudé que no papel do *Doutor Malatesta* tem um dos seus melhores triumphos artisticos.

Deixar-nos-ha dentro em pouco a excellente companhia que se despede de nós até ao inverno.

Na **Rua dos Condes** não ha noite em que a *Pavorosa* com o seu magnifico quadro novo e o trabalho de Joaquim de Almeida e dos melhores artistas do theatro deixe de arrancar fervorosos applausos a um publico ávido das sensações especiaes, produzidas por aquelle genero de espectaculos.

Não sabemos ha quantos mezes está em scena a *Pavorosa* nem é provavel que d'ella se retire *per secula seculorum*.

Foi uma noite de inolvidavel enthusiasmo a da despedida da companhia lyrica do **Colyseu dos Recreios**.

Disseram-nos adeus sem sabermos por quanto tempo esses artistas, já tão familiarizados com o publico, que foram os interpretes da *Favorita*, da *Tosca*, da *Carmen*, da *Gioconda*, do *Fausto*, dos *Huguenottes*, da *Lucrecia*, dos *Palhaços*, de tantas operas emfim do velho e do novo repertorio. Maria Galvani, o admiravel soprano ligeiro e Torres de Luna, o esplendido baixo, deixaram sobretudo um grande vacuo no nosso meio artistico, vacuo que só o benemerito empresario commendador Antonio Santos poderá preencher, reconduzindo esses bellos artistas. E' um voto e um requerimento que aqui deixamos consignados.



Paysagem minhota. — Um carro de bois